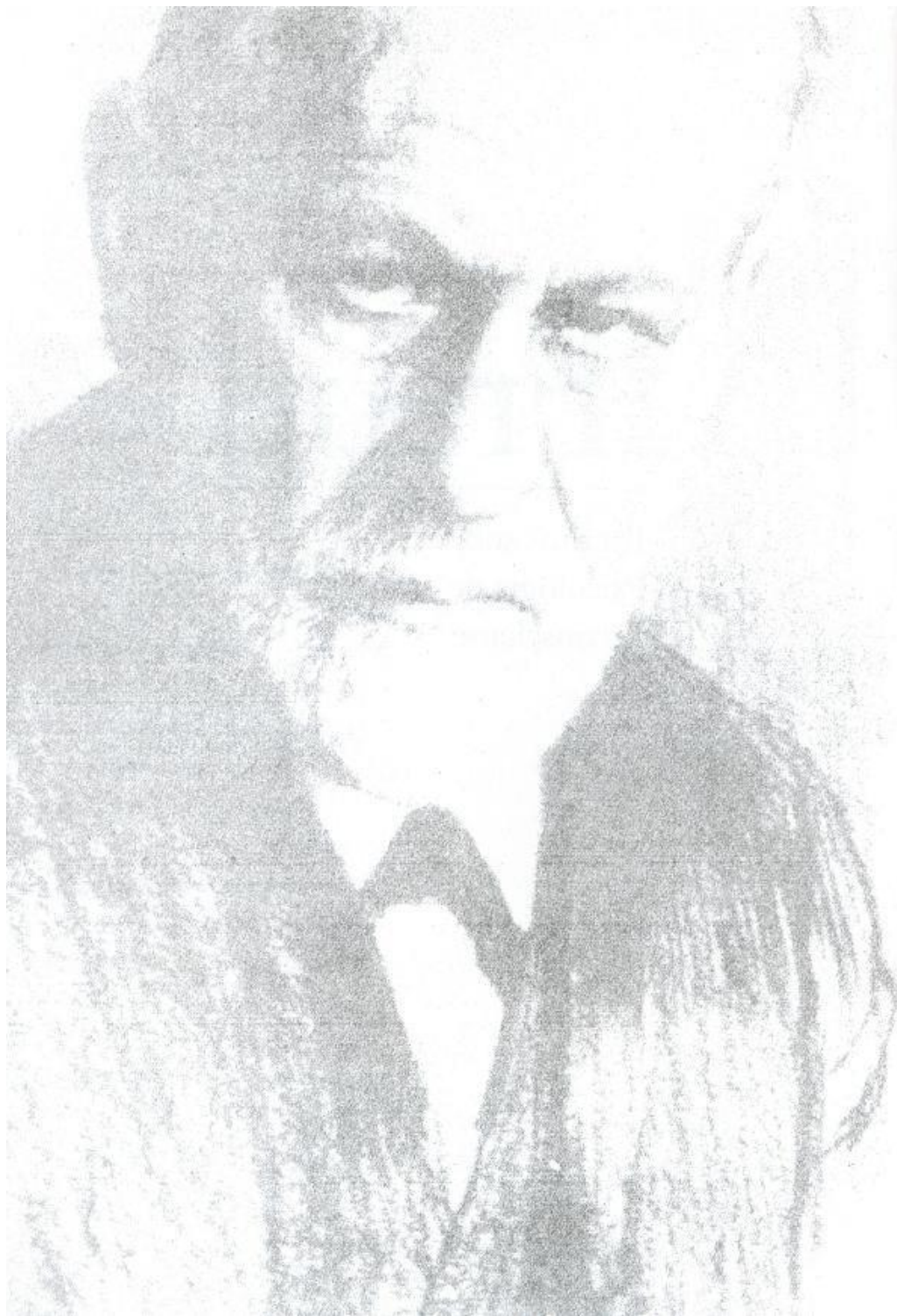




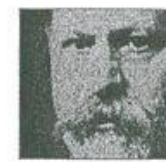
COORDENAÇÃO GERAL DA TRADUÇÃO:

Luiz Alberto Hanns

1923-1940

VOLUME III

OBRAS PSICOLÓGICAS DE



SIGMUND

Freud

1,95

Escritos sobre a
Psicologia do
Inconsciente

O Eu e o Id (1923)

Neurose e Psicose (1924)

O Problema Econômico do Masoquismo
(1924)

A Perda da Realidade na Neurose e
Psicose (1924)

Uma Nota sobre o "Bloco Mágico" (1925)

A Negativa (1925)

Fetichismo (1927)

A Cisão do Eu no Processo de Defesa (1938)

O Problema Econômico do Masoquismo

1924

DAS ÖKONOMISCHE PROBLEM DES MASOCHISMUS

Edições Alemãs:

- 1924 • *Int. Z. Psychoanal.*, 10 (2), 121-33.
- 1924 • *G.S.*, 5, 374-86.
- 1926 • *Psychoanalyse der Neurosen*, 147-62.
- 1931 • *Neurosenlehre und Technik*, 193-207.
- 1940 • *G.W.*, 13, 371-83.

■ Comentários editoriais da *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*

A tradução inglesa, com o título ligeiramente alterado, baseia-se na de 1924. Este artigo foi terminado antes do final de janeiro de 1924 (Jones, 1957, 114). Neste importante trabalho, Freud fornece sua descrição mais completa do enigmático fenômeno do masoquismo. Previamente lidara com ele, mas sempre tentativamente, em seus *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905d), Edição *Standard* Brasileira, vol. VII, pp. 159-62, IMAGO Editora, 1972; no artigo metapsicológico “Pulsões e Destinos da Pulsão” (1915c), ESPI, vol. I, pp. 153-62, e, em bem maior extensão, em “Uma Criança é Espancada” (1919e), que ele próprio descreveu, em uma carta a Ferenczi, como “um artigo sobre o masoquismo”. Em todos esses escritos, o masoquismo deriva de um sadismo anterior; Freud não considera haver um masoquismo primário. (Ver, por exemplo, Edição *Standard* Brasileira, vol. XIV, p. 149, IMAGO Editora, 1974, e *Standard Ed.*, 17, 193-4.) Em *Além do Princípio de Prazer* (1920g), contudo, após a introdução da “pulsão de morte”, encontramos uma afirmação de que “pode haver um masoquismo primário”, e, no presente artigo, a existência de um masoquismo primário é tomada como certa.

A existência desse masoquismo primário aqui é explicada principalmente com base na “fusão” e “defusão” das duas classes de pulsão — conceito

que fora examinado extensamente em *O Eu e o Id* (1923b), publicado menos de um ano antes —, ao passo que a natureza aparentemente autocontraditória de uma pulsão que visa ao desprazer é tratada no interessante debate introdutório, que, pela primeira vez, faz claramente a distinção entre o “princípio de constância” e o “princípio de prazer”.

Freud demonstra que esse masoquismo primário ou “erógeno” conduz a duas formas derivadas. Uma delas, que denomina “feminina”, é a forma que Freud já debatera em seu artigo sobre “fantasias de espancamento” (1919e). Uma terceira forma, porém, o “masoquismo moral”, dá-lhe oportunidade de ampliar em muitos pontos o que fora apenas ligeiramente tocado em *O Eu e o Id* e de descerrar novos problemas em vinculação com sentimentos de culpa e o funcionamento da consciência.

Do ponto de vista da economia psíquica, a existência de uma vertente [*Stre-bung*]¹ masquista na nossa vida pulsional é um fenômeno assaz enigmático. Afinal, se o princípio de prazer domina os processos psíquicos a tal ponto que estes têm como meta imediata obter o prazer e evitar o desprazer, não há como se compreender o masoquismo. Quando a dor e o desprazer deixam de ter a função habitual de alarmes e, ao contrário, passam a ser metas almejadas, o princípio de prazer [*Lustprinzip*]² fica totalmente fora de combate, ou seja, o guardião de nossa vida psíquica fica paralisado.

Assim, ao paralisar o princípio de prazer, o masoquismo se apresenta — diferentemente de sua contrapartida, o sadismo — como um grande perigo para nós. Todavia, antes de ingressarmos nessa discussão, proponho mudarmos uma de nossas concepções anteriores: não mais atribuiremos ao princípio do prazer apenas a função de guardião de nossa vida psíquica, mas ousaremos ampliar sua função para guardião da vida propriamente dita. Essa mudança, porém, exige que analisemos antes a relação fundamental entre o princípio de prazer e os dois tipos de pulsão [*Triebarten*]³ que já havíamos distinguido como forças reguladoras da vida — as pulsões de morte e as pulsões eróticas de vida (libidinais).

Como já discutido em outra ocasião,⁴ esse princípio, que domina todos os processos psíquicos, pode ser concebido como um caso particular da *tendência à estabilidade* formulada por Fechner. Assim, nosso aparelho psíquico teria a função de reduzir a zero a soma das excitações que a ele afluem ou, pelo menos, de mantê-la a menor possível. Havíamos adotado, para nomear essa tendência, o termo proposto por Barbara Low [1920, 73]: *princípio de Nirvana*.⁵ Na ocasião, estávamos seguros em considerar o princípio de prazer-desprazer

T.1

T.2

T.3

SE.4

SE.5

como equivalente ao princípio de Nirvana, estabelecendo uma total identidade entre ambos. Portanto, todo desprazer deveria coincidir com um aumento, e todo prazer, com uma diminuição da tensão causada pelos estímulos presentes na psique. O princípio de Nirvana (e o princípio de prazer que, aparentemente, ser-lhe-ia idêntico) estaria, então, totalmente a serviço das pulsões de morte — lembremos que estas teriam como meta promover a passagem do estado de instabilidade, inerente à vida, à estabilidade do estado anorgânico. Nesse contexto, a função do princípio de Nirvana seria a de advertir contra as reivindicações das pulsões de vida — isto é, da libido — que insistem em interferir no intencionado curso da vida. No entanto, agora essa afirmação nos parece necessariamente equivocada. Tudo indica que os aumentos e as diminuições das magnitudes de estimulação são diretamente percebidos como uma sequência de sensações de tensão e obviamente há tensões que são sentidas como prazerosas, bem como distensões percebidas como desprazerosas. O exemplo mais evidente, mas não único, de um aumento de estímulos [*Reiz*]⁶ percebido como prazeroso, é o estado da excitação sexual. Assim, muito embora prazer e desprazer estejam ligados a esse fator, não mais podemos associá-los de modo direto ao aumento ou à diminuição dessa quantidade de estimulação (magnitude que denominávamos tensão-derivada-de-estímulos [*Reizspannung*]). Na verdade, parece que eles não dependem desse fator quantitativo, mas de uma determinada característica dele que, no momento, apenas conseguimos designar genericamente como de natureza qualitativa. Aliás, teríamos avançado muito na psicologia se soubéssemos indicar qual seria precisamente essa característica qualitativa. Talvez seja o *ritmo*, o decurso temporal nas transformações, as elevações e as quedas da quantidade de estímulo,⁷ não o sabemos.

De toda forma, tivemos de nos dar conta de que, no curso do desenvolvimento dos seres vivos, houve uma modificação que transformou o princípio de Nirvana, associado à pulsão de morte, no princípio de prazer. Portanto, a partir de agora não mais consideraremos o princípio de Nirvana e o princípio de prazer como uma mesma coisa. Penso que não é difícil adivinhar de que força partiu essa modificação do princípio de Nirvana: só pode ter sido da pulsão de vida, da libido, que impôs sua co-participação na regulação dos processos de vida, colocando-se lado a lado com a pulsão de morte. Temos então uma pequena, mas interessante sequência de relações: o princípio de *Nirvana* expressa a tendência da pulsão de morte; o princípio de *prazer* representa a sua transformação em reivindicação da libido; e o princípio de *realidade*,⁸ a influência do mundo exterior.

Nenhum desses três princípios destitui o outro do poder. Aliás, em geral, eles sabem conviver bem uns com os outros, embora, é claro, conflitos ocasionais sejam inevitáveis, pois um lado privilegia a redução quantitativa da carga de estímulos, o outro, as características qualitativas dessa redução de carga, e o terceiro, um adiamento do escoamento dos estímulos acumulados [*Reizabfuhr*],⁹ exigindo uma aceitação temporária da tensão gerada pelo desprazer.

De qualquer modo, penso que fica claro que o princípio de prazer indubitavelmente é o guardião não só da vida psíquica, mas da vida como um todo.¹⁰

Feita essa retificação, voltemo-nos agora ao tema do masoquismo. O masoquismo se nos apresenta sob três formas: como uma contingência da excitação sexual, como expressão da essência feminina e como norma ou regra de comportamento (*behaviour*). Propomos diferenciá-las utilizando a denominação masoquismo *erógeno*, *feminino* e *moral*. O primeiro, o masoquismo erógeno, isto é, o prazer-derivado-da-dor [*Schmerzlust*],¹¹ fundamenta as duas outras formas. Ele pode ser justificado biológica e constitucionalmente, embora devamos admitir que, para tal, somos obrigados a fazer algumas suposições a respeito de circunstâncias que, na verdade, são bastante obscuras e desconhecidas. Passando diretamente da primeira para a terceira forma do masoquismo, comentemos que, apesar de esta ser a mais importante delas, apenas recentemente recebeu a atenção da psicanálise. O masoquismo moral se manifesta como uma sensação de culpa, em geral, inconsciente. Contudo, ele não nos oferece muitas dificuldades, pois se enquadra perfeitamente em nosso modelo anterior de compreensão, podendo ser por ele totalmente explicado. Quanto à segunda forma, o masoquismo feminino, esta é a mais facilmente acessível à nossa observação e a menos enigmática, sendo discernível em todas as suas relações. Portanto, optaremos por começar a nossa apresentação pelo masoquismo feminino.

Conhecemos bastante bem o masoquismo feminino a partir das fantasias de alguns homens (e me restrinjo a casos masculinos porque esse é o material clínico de que disponho). Esses masoquistas (masoquismo que freqüentemente implica serem impotentes) têm fantasias que ou precedem o ato masturbatório ou que se constituem já elas próprias na satisfação sexual almejada.¹² Também os atos e rituais que os perversos masoquistas realizam na vida real coincidem perfeitamente com esses dois tipos de fantasia: ou servem para ativar a potência sexual, e funcionam como ação preparatória para a relação sexual,

ou são executados já como fim em si. De qualquer modo, em ambos os casos, os atos reais são apenas a execução lúdica de fantasias. Seus conteúdos manifestos podem ser: ser amordaçado, amarrado, surrado de forma dolorosa, ser açoitado, maltratado, obrigado à obediência inconteste, sujado e humilhado. Em casos mais raros, e apenas com grandes restrições, também incluem mutilações. É fácil interpretar que, na verdade, o masoquista quer ser tratado como uma criança pequena, indefesa e dependente e, acima de tudo, como uma criança desobediente e má. Seria supérfluo arrolar aqui toda a nossa casuística, pois os diversos materiais clínicos são muito semelhantes e acessíveis a todo observador, mesmo ao não-psicanalista. Quando se examina melhor algumas das fantasias masoquistas que receberam uma elaboração psíquica [*Verarbeitung*]¹³ mais rica, constata-se, de maneira nítida, que a pessoa foi colocada em uma situação típica da condição feminina, ou seja, ser castrado, ser objeto de coito ou dar à luz. Por isso, apesar de tantos elementos apontarem para a vida infantil, chamei essa forma de manifestação do masoquismo de feminino. Ele também é denominado *a potiori*. Essa sobreposição do infantil e do feminino mais adiante receberá uma explicação simples. A castração, ou o ato de cegar e vazar os olhos, ato que frequentemente substitui a castração, deixa nas fantasias sua marca ao avesso, isto é, em negativo, pois nelas, é imposta a condição de que justamente os genitais ou os olhos não possam sofrer danos (aliás, as torturas masoquistas raras vezes dão impressão de serem tão sérias quanto as crueldades — fantasiadas ou encenadas — do sadismo). No conteúdo manifesto das fantasias masoquistas, também se delineia um sentimento de culpa. Neles se supõe que a referida pessoa tenha cometido algum ato ilícito, o qual permanece indefinido e que deve ser redimido através de todos os procedimentos dolorosos e torturantes. Isso parece ser uma racionalização superficial dos conteúdos masoquistas, mas por trás esconde-se uma conexão com a masturbação infantil. Ora, é exatamente desse momento de culpa no masoquismo feminino que deriva a terceira forma de masoquismo, a moral. Contudo, antes de passar a ela, devemos ainda abordar o masoquismo erógeno.

Na verdade, o masoquismo primário e erógeno é a base do masoquismo feminino, mas para explicar o prazer derivado da dor, temos de nos remeter a alguns aspectos bastante arcaicos.

Nos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, especificamente no trecho sobre as fontes da sexualidade infantil, afirmei: “que a excitação sexual surge como efeito colateral de numerosos processos interiores, basta que a

intensidade desses processos tenha ultrapassado certos limites quantitativos”. E que: “talvez sempre que ocorra algo de mais relevante no organismo, alguma parcela do processo será transferida e contribuirá para a excitação das pulsões sexuais”.¹⁴ Ora, se de fato assim for, temos de supor que também as excitações derivadas da dor e do desprazer deveriam se acrescentar à excitação das pulsões sexuais.¹⁵ Também supomos que, no caso da tensão gerada pela dor e pelo desprazer, essa solidariedade excitatória libidinosa seria um mecanismo fisiológico infantil que mais tarde se selaria. Assim, dependendo das diferentes constituições sexuais de cada um, antes de selar-se, esse mecanismo atingiria um determinado grau de desenvolvimento e magnitude. Portanto, seria sobre essa base fisiológica que se formaria psiquicamente o masoquismo erógeno.

Entretanto, admitamos que essa explicação ainda é insuficiente, pois ela não esclarece em nada as tão estreitas e freqüentes conexões do masoquismo com seu contraponto — o sadismo — igualmente presente na vida pulsional. Frente a isso, penso que podemos retomar uma hipótese que já formulamos há algum tempo e que agora nos permitiria — sem entrar em contradição com a hipótese apresentada acima — chegar a uma conclusão de maior alcance explicativo. Trata-se de nossa formulação a respeito dos dois tipos de pulsão que estariam presentes nos seres vivos atuais. Segundo ela, ao surgir, a libido teria encontrado a pulsão de morte — ou de destruição — já predominando nos seres vivos (multicelulares). Essa pulsão de morte teria como meta desfazer esses seres e conduzir cada um dos organismos elementares ao estado de estabilidade anorgânica (apesar de essa estabilidade ser, na verdade, apenas relativa). Caberia, pois, à libido a tarefa de tornar inofensiva essa pulsão destrutiva. Para tal, ela, contando com ajuda de um sistema especial de órgãos, a musculatura, desviaria grandes parcelas da pulsão de morte para fora, dirigindo-as contra os objetos do mundo externo. Direcionada ao mundo externo, a pulsão de morte passaria, então, a atuar como pulsão de destruição, pulsão de apoderaamento ou como vontade de exercer poder.¹⁶ Uma outra parcela ainda dessa pulsão também teria sido dirigida para fora, mas a serviço da função sexual. Seria esse o sadismo propriamente dito, o qual terá um importante papel a cumprir na vida sexual. Contudo, haveria uma parcela da pulsão de morte que não teria participado dessas transposições. Ela teria permanecido dentro do organismo, e lá, com a ajuda da solidariedade excitatória sexual — que já afirmamos existir — entre a dor e o prazer, teria sido fixada [*gebunden*]¹⁷ libidinalmente. Ora, é essa parcela fixada que denominamos masoquismo original e erógeno.¹⁸

É verdade que nos falta toda e qualquer compreensão fisiológica em relação aos caminhos e aos meios que permitem à libido amansar e domar¹⁹ a pulsão de morte, mas, no âmbito psicanalítico, temos de supor que, de algum modo, os dois tipos de pulsão sempre são amplamente misturados e amalgamados em variadas proporções. Assim, não teríamos pulsões de morte ou de vida puras, mas apenas combinações de diversas magnitudes. Contudo, é possível também que a cada uma das diferentes fusões pulsionais correspondam, sob certas condições, determinadas defusões [Entmischung]²⁰ pulsionais, a partir das quais algumas parcelas de pulsões de morte escapem desse atrelamento às porções libidinais, não se deixando mais domar, mas, no momento, não temos como saber qual a eventual extensão dessas parcelas.

De qualquer modo, se estivermos dispostos a tolerar algum grau de imprecisão, podemos dizer que a pulsão de morte atuante no organismo — o sadismo original — seria idêntica ao masoquismo. Diríamos, então, que após a parcela principal do sadismo original ter sido transposta para fora em direção aos objetos, um resíduo interno teria permanecido, e seria este o masoquismo propriamente dito, isto é, o masoquismo erógeno. Este, por um lado, teria, então, tornado-se um componente da libido, e, por outro, tomaria como objeto o próprio organismo. Assim, esse masoquismo seria um testemunho e um resquício da antiga fase de formação tão essencial para a vida, em que houve um amálgama [Legierung] entre a pulsão de morte e Eros. Portanto, não devemos nos espantar em ouvir que, sob certas circunstâncias, o sadismo — ou pulsão de destruição — projetado e voltado para fora, poderá novamente ser reintrojado, redirecionado para dentro, regredindo assim à sua antiga condição e resultando, então, em um masoquismo secundário que se somaria ao masoquismo original.

O masoquismo erógeno teria participado de todas as fases evolutivas da libido, extraindo delas suas variadas e cambiantes roupagens psíquicas.²¹ Assim, o medo de ser devorado pelo animal-totem (pai) proveria da organização primitiva oral, e o desejo de ser surrado pelo pai se derivaria da fase seguinte, a anal-sádica; o conteúdo das fantasias masoquistas de castração — apesar de mais tarde renegado — seria um precipitado resultante da fase fálica de organização genital,²² e as situações características da feminilidade, ser alvo de coito e dar à luz, evidentemente se originariam da organização genital definitiva. Também é fácil — independentemente das causas reais e óbvias — compreender o papel das nádegas [Nates] no masoquismo.²³ Elas são a parte do corpo eroticamente mais privilegiada na fase sádico-anal, assim como a mama o é na fase oral, e o pênis, na genital.

A terceira forma do masoquismo, o masoquismo moral,²⁴ caracteriza-se principalmente pelo fato de que nela se afrouxa a relação com o que habitualmente reconheceríamos como pertencente ao campo da sexualidade. Nele não encontramos a condição básica de todos os outros sofrimentos masoquistas, isto é, que eles sejam causados pela pessoa amada e suportados somente porque dela emanam. Aqui é o sofrimento que importa, parta ele da pessoa amada ou de uma figura qualquer. Ele pode ser provocado por forças ou contingências impessoais. Não faz a menor diferença, o verdadeiro masoquista, sempre que houver oportunidade, oferecerá a outra face. Assim, parece evidente que, neste caso, deveríamos deixar a libido de lado e nos restringirmos à suposição de que aqui a pulsão de destruição foi novamente redirecionada para dentro e atua violentamente contra o próprio Si-mesmo [Selbst].²⁵ Por outro lado, não devemos deixar de notar que, no uso lingüístico corrente não se afrouxou a conexão desta forma de comportamento com o erotismo, pois se designa também essas pessoas auto-destrutivas de masoquistas.

Seja como for, fiéis ao nosso habitual procedimento técnico, também neste caso começemos por abordar primeiro a forma mais extrema e indubitavelmente patológica do masoquismo moral. Já expus em outra ocasião²⁶ que, no tratamento analítico, deparemos por vezes com pacientes cujo comportamento se opõe às tentativas de influenciá-los pelo tratamento, e que isso nos levou a atribuir-lhes um sentimento de culpa "inconsciente". Também apontei como é possível reconhecer tais casos (pela "reação terapêutica negativa"). Afirmei igualmente que uma das maiores resistências e a maior ameaça ao sucesso de nossas intenções médicas ou educativas deriva justamente da força desta vertente [Regung]²⁷ culposa. Via de regra, os diferentes ganhos obtidos com a permanência neste estado de doença derivam de um somatório de forças que se rebelam contra a cura, mas eu diria que dentre esses ganhos é o apaziguamento [Befriedigung]²⁸ do sentimento de culpa inconsciente o mais significativo e poderoso. É justamente pelo sofrimento propiciado que a neurose se torna mais valiosa para a tendência masoquista. Também é instrutivo notar que, em oposição ao que propões, a teoria, e ao contrário de toda expectativa, uma neurose que vinha resistindo aos nossos esforços terapêuticos pode surpreendentemente desaparecer assim que o paciente entra em um casamento infeliz, perde seu patrimônio ou contrai uma perigosa doença orgânica. Vemos, então, que uma forma de sofrimento foi rendida pela outra, era apenas uma questão de manter ativa uma certa magnitude de sofrimento.

Contudo, os pacientes não aceitam facilmente a idéia de que possuam um sentimento de culpa inconsciente. Eles conhecem por demais os tormentos

(consciência pesada) provocados pelo seu sentimento de culpa consciente e pela consciência de culpa e por isso não vêem sentido na idéia de que — em duplicidade com o que já sentem conscientemente — estariam abrigo dentro de si outros impulsos [*Regungen*] inconscientes análogos aos conscientes e dos quais nada perceberiam. Penso que de certa forma podemos concordar com o seu protesto e proponho renunciarmos à denominação “sentimento de culpa inconsciente”, de resto, do ponto de vista psicológico, de fato incorreta, e sugiro que adotemos um termo que descreve igualmente bem os conteúdos observados: “necessidade de punição”.²⁹ Todavia, não podemos deixar de avaliar e localizar o sentimento de culpa inconsciente pelo mesmo padrão que utilizamos para os sentimentos conscientes.

Havíamos naquela mesma ocasião também atribuído ao Supra-Eu³⁰ [*Über-Ich*] a função de exercer a consciência moral [*Gewissen*] e tínhamos considerado que a consciência de culpa seria uma expressão da tensão que se forma entre o Eu³¹ e o Supra-Eu³². O Eu, diante da percepção de que ficou aquém das exigências postuladas pelo seu ideal — pelo Supra-Eu —, reagiria, então, com sentimentos de medo (medo da própria consciência pesada). Mas, como o Supra-Eu foi assumir esse papel tão exigente e por que o Eu necessariamente tem de se sentir tão temeroso diante de uma divergência frente ao seu ideal?

Conforme já havíamos dito, o Eu tem a função de unificar e reconciliar as reivindicações das três instâncias às quais serve; acrescentemos agora que o Eu tem no Supra-Eu um modelo a ser seguido, pois o Supra-Eu é tanto o representante do Id quanto do mundo externo.³³ Esse Supra-Eu surgiu quando os objetos das primeiras moções [*Regungen*] libidinosas do Id, os pais, foram introjetados no Eu. Nessa ocasião, a relação das moções libidinais com os pais sofreram um desvio das metas sexuais diretas e se dessexualizaram, tornando possível a superação do complexo de Édipo. Contudo, o Supra-Eu conservou as características essenciais das pessoas introjetadas, isto é, seu poder sobre a criança, sua severidade e a tendência a exercer o controle e a punir. Como explicitado antes,³⁴ é fácil imaginar que pela defusão pulsional [*Entmischung*], que ocorre concomitantemente à introjeção no Eu, a severidade tenha tido de se intensificar. O Supra-Eu — a consciência moral ativa dentro dele — pode então tornar-se duro, cruel, inclemente contra o próprio Eu pelo qual ele zela. Nesse sentido, o imperativo categórico de Kant é um herdeiro direto do complexo de Édipo.³⁵

Ocorre que, ao longo do tempo, as pessoas que deixaram de ser objeto das moções libidinosas do Id passaram a atuar no Supra-Eu como instância da consciência moral. Contudo, elas pertencem ao mundo real externo do qual,

aliás, foram extraídas. Portanto, o poder dessas pessoas — atrás do qual se escondem todas as influências do passado e da tradição — foi outrora para a criança uma das manifestações da realidade mais perceptíveis. Assim, é graças a essa coincidência que o Supra-Eu, substituto do complexo de Édipo, pode também se tornar o representante do mundo real externo e, portanto, um modelo a ser seguido pelos esforços do Eu.

O complexo de Édipo comprova então ser, como já supúnhamos,³⁶ a fonte da qual as nossas normas de Moralidade [*Sittlichkeit*]³⁷ (a Moral) historicamente emanaram. No decorrer da evolução infantil, há uma progressiva libertação da influência parental e a importância dos pais para o Supra-Eu diminui. Aos pais se seguem, então, todas as *Imagines*³⁸ por eles suscitadas, isto é, as influências de professores, autoridades, modelos eleitos e heróis socialmente reconhecidos, cujas pessoas o Eu, agora já mais robusto e resistente, não mais precisa introjetar. Finalmente, a última figura dessa série que havia se iniciado pelos pais é o obscuro poder do Destino, algo que apenas uma minoria dentre nós logra conceber como impessoal. Se por um lado aceitamos de bom grado que o poeta holandês Multatuli³⁹ substitua a Moira [Destino] dos gregos pelo par divino Δόμος καὶ Ἀνάγκη [Razão e Necessidade],⁴⁰ por outro, não podemos deixar de suspeitar que todos aqueles que atribuem [*übertragen*]⁴¹ os acontecimentos deste mundo à Providência, a Deus, ou a Deus e à Natureza, estejam, na verdade, ainda enxergando esses poderes extremos e longínquos de forma mitológica e se crêem ligados a eles por liames [*Bindungen*] libidinosos, como se se tratasse de seus pais. Aliás, em *O Eu e o Id*,⁴² tentei deduzir o medo real que o ser humano tem da morte, de uma concepção de Destino derivada das imagens parentais. Enfim, parece ser muito difícil para o ser humano livrar-se de tal concepção.

Após essas ponderações introdutórias, podemos agora voltar ao tema do masoquismo moral. Dizíamos⁴³ que, através de seu comportamento, tanto durante o tratamento psicanalítico como na vida, essas pessoas nos dão a impressão de estarem demasiado inibidas pela moral, isto é, de estarem sob o domínio de uma consciência moral especialmente suscetível — muito embora, na verdade, não tenham a menor consciência de tal excesso. Todavia, se observarmos mais de perto, perceberemos a diferença que separa o prolongamento inconsciente da moral ao qual aludimos no parágrafo acima, do masoquismo moral. No primeiro, a ênfase recai sobre o sadismo exacerbado do Supra-Eu ao qual o Eu se submete; no segundo, a ênfase recai sobre o próprio masoquismo do Eu, que anseia por um castigo provindo do Supra-Eu, ou dos poderes parentais. Entretanto, a confusão inicial que fizemos entre ambos os

SE.29

T.30

II SE.32

SE.33

SE.34

SE.35

SE.36

T.37

SE.38

SE.39

SE.40

T.41

SE.42

SE.43

fenômenos é desculpável, pois, nos dois casos, trata-se de uma relação entre o Eu e o Supra-Eu, ou entre poderes que lhes são equivalentes. Além disso, em ambos, há uma necessidade que só pode ser satisfeita pelo castigo e pelo sofrimento. Sendo assim, não é uma circunstância fortuita o fato de o sadismo do Supra-Eu, na maioria das vezes, tornar-se consciente de forma tão crassa, enquanto os esforços e anseios masoquistas do Eu, via de regra, permanecem ocultos para a própria pessoa, só podendo ser deduzidos pelo analista a partir do comportamento observado.

Na verdade, a inconsciência dos sujeitos a respeito de seu próprio masoquismo moral nos aponta para uma trilha fácil de seguir. Ora, já havíamos substituído o termo “sentimento de culpa inconsciente” pela expressão “necessidade de punição” de alguma força poderosa e de natureza parental. Por outro lado, sabemos que o desejo, tão freqüente nas fantasias, de ser surrado pelo pai, está muito próximo de outro: ter com o pai uma relação sexual passiva (feminina). Aliás, este último é apenas uma distorção regressiva do primeiro. Se aplicarmos essa explicação ao conteúdo do masoquismo moral, seu sentido oculto ficará, então, evidente: embora a consciência moral e a própria Moral tenham surgido a partir da superação e dessexualização do complexo de Édipo, a Moral será novamente ressexualizada e o complexo de Édipo de novo reavivado pela atuação do masoquismo moral, o qual promoverá uma regressão da Moral em direção ao complexo de Édipo. É claro que isso não favorece nem à Moral, nem ao indivíduo. É bem verdade que, em paralelo ao seu masoquismo, o indivíduo pode ter mantido integralmente ou parcialmente as normas da Moralidade [*Sittlichkeit*], mas, quanto à sua consciência moral, uma boa parcela pode ter sido perdida para o masoquismo. Por outro lado, o masoquismo leva o sujeito à tentação de agir de forma “pecaminosa”, para que posteriormente essa ação seja, então, expiada por meio das críticas da consciência moral sádica (como encontramos nos vários tipos do caráter russo) ou pelos castigos corporais [*Züchtigung*] aplicados pelo grande poder — de natureza parental — do Destino. Para conseguir que esse representante [*Vertretung*] do casal parental o castigue, o masoquista deve fazer coisas inadequadas e trabalhar contra o seu próprio benefício, destruir as perspectivas que se lhe abrem no mundo real e eventualmente aniquilar a sua própria existência real.

Fica claro que o redirecionamento do sadismo contra a própria pessoa — que ocorre regularmente por ocasião da *repressão cultural da pulsão* [*Triebunterdrückung*]⁴⁴ — impede que uma grande parte dos componentes pulsionais destrutivos do sujeito sejam utilizados no mundo. Pode-se então pensar que essa parcela da pulsão de destruição que foi recolhida se manifeste no Eu

como uma amplificação do masoquismo. Contudo, os fenômenos da consciência moral nos permitem dizer que, mesmo sem uma tal transformação em masoquismo, a destruição que retorna do mundo exterior acaba por ser acolhida no Supra-Eu e aumenta o seu sadismo diante do Eu. Na verdade, o sadismo do Supra-Eu e o masoquismo do Eu complementam-se mutuamente e unem-se na promoção dos mesmos resultados. Creio que só assim pode-se entender que a repressão da pulsão [*Triebunterdrückung*] resulte — freqüentemente ou sempre — em um sentimento de culpa, e que quanto mais a pessoa evite agredir os outros, mais severa e suscetível a consciência moral se torne.⁴⁵ Isso pode parecer estranho, pois seria de esperar que um indivíduo ciente de estar evitando praticar agressões culturalmente inadequadas tivesse, justamente por esse motivo, uma consciência moral tranqüila e pudesse supervisionar seu próprio Eu com menos desconfiança. Ou seja, normalmente nos é explicado que a exigência moral seria o elemento primário e a renúncia à satisfação da pulsão, a sua consequência. Mas isso não explica a origem da moral. Na verdade, parece ocorrer o contrário: primeiro forças externas impõem a renúncia à satisfação da pulsão e, em seguida, essa renúncia leva à instituição das normas da moralidade, as quais se expressam então na consciência moral, a qual passa a exigir ainda mais renúncias pulsionais.⁴⁶

Dessa forma, o masoquismo moral é um perfeito testemunho da existência de uma fusão pulsional. Por um lado, sua periculosidade deriva de sua origem na pulsão de morte, daquela parcela que escapou de ser direcionada para fora sob forma de pulsão de destruição, mas, por outro, o masoquismo moral também representa [*Bedeutung*]⁴⁷ um componente erótico, portanto, podemos finalizar afirmando que, mesmo no processo de auto-destruição do sujeito, não poderá faltar uma satisfação libidinal.⁴⁸

F: notas de Freud

SE: notas da *Standard Edition*

T: notas do tradutor brasileiro

■ 1 *Strebung*, “empenho”; Alt.: “esforço”, “vertente”, “tendência”; Sign.: derivado do verbo *streben*, “almejar”, “anelar”, “esforçar-se por alcançar”; o substantivo refere-se ou a uma “vertente”, “corrente”, “tendência”, que anela ou se esforça por atingir certas metas, ou ao próprio “esforço” ou “empenho”; Conot.: contém vivacidade e autonomia mobilizadas pela volição e não expressa nem uma lei e nem uma propensão, como ocorre com o termo “tendência”, o qual é muito utilizado nas traduções brasileiras. Obs. 1: O termo serve ocasionalmente de sinônimo de *Trieb*. Obs. 2: O verbo composto, *anstreben*, significa “almejar”, “aspirar a”, “visar a”. Vale notar que *anstreben* e mesmo o verbo *streben* também podem ser equivalentes a *wünschen* (desejar); ver DCAF.

■ 2 *Lustprinzip*, princípio de prazer; quanto à *Lust*-; Sign.: tem dois sentidos interligados, um sensorial e o outro motivacional: 1) sensações prazerosas iniciais que ocorrem nos e a partir dos órgãos excitados; 2) disposição, vontade, pique, ânimo; Conot.: o termo tem conotação semelhante ao termo chulo do português “tesão”, que indica a excitação prazerosa anterior ao prazer de descarga ou gozo; além disso, quando desprovido de seu caráter sexual, o termo “tesão” pode ser utilizado tanto para referir-se ao prazer inicial como ao “pique” ou “ânimo” para fazer coisas. Obs. 1: Ambos os sentidos de *Lust* remetem semanticamente ao aumento de “carga excitatória”, ao estado de excitação prazerosa, ao “pique” ou “vontade”. Portanto, desse ponto de vista, o princípio de prazer seria um “princípio de vontade de obter excitação”, refere-se ao que ocorre no nascedouro das sensações e difere dos sentidos de “prazer” em português (descargas em fluxo e, eventualmente, gozo). Obs. 2: O termo *Lust* é utilizado por Freud em conexão com o prazer do órgão, isto é, com algo que ocorre ao nível da excitação e intumescimento dos órgãos ligados às zonas erógenas e voltado ao auto-erotismo. Obs. 3: Raramente, *Lust* se refere a prazer no sentido de “fruição” ou “deleite” e menos ainda na acepção de “gozo”. No entanto, é nessa acepção de “deleite” e “gozo” que o termo é conceptualizado, em geral, por Freud. Ele mesmo, em diversos textos, aborda esse descompasso entre o sentido do termo em alemão e sua descrição psicodinâmica, por exemplo nos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* [ESB, vol. 7, p. 127]; ver DCAF. Obs. 4: Ocasionalmente, *Lust* em alemão é sinônimo de *Trieb* e o próprio Freud, por vezes, mescla ambos, como no texto “Pulsões e Destinos da Pulsão” [ESPI, vol. I, p. 169, nota 47]. Obs. 5: Quanto ao termo *-prinzip*, embora se traduza por “princípio”, também tem a acepção de “pulsão” (quando empregado na escala das pulsões comuns a todos os seres vivos, tal como pulsão de morte e princípio de nirvana ou princípio de inércia). Mais a respeito na nota 3 abaixo, Obs. 1 e também DCAF.

T.1

T.2

T.3

■ 3 *Trieb*, “pulsão” (do neologismo francês *pulsion*); Alt.: “instinto”; Sign.: termo corriqueiro e polissêmico, que designa genericamente uma “força impelente”. Resulta da fusão de duas palavras do médio alemão — “o que impele”, *trip*, e “o que é impelido”, *trift* — e abrange um arco de sentidos: o surgimento da necessidade; processos fisiológicos de transmissão; sua tradução para o psíquico; o processamento psíquico e as metas resultantes desses processos (incluindo-se aí os “desejos”); Conot.: algo que espicaça. Obs. 1: Contudo, especificamente neste trecho, Freud utiliza *Trieb* na acepção de “princípio”, “tendência”, “disposição”, “lei”, “força da natureza”, ou seja, trata-se da pulsão na sua forma mais genérica e comum a todos os vivos, isto é, como “força impelente”. Assim, em boa parte “a pulsão de vida” se recobre com o sentido de “entropia”, e a “pulsão de morte”, com o de “entropia”, respectivamente, forças ou princípios que agregam e desagregam. Nesse sentido, as pulsões se referem, tal qual ocorre em *Além do Princípio de Prazer* (1920), a leis que regulam até mesmo os processos moleculares. Obs. 2: Em alemão, o termo descreve as diferentes esferas de circulação dessas forças impelentes, isto é, dessas “tendências” ou “princípios reguladores”, desde o pólo que brota e impele a ação, ao pólo que atrai a ação para si; *Trieb* é a força responsável pelas necessidades, vontades, impulsos e desejos (devido à sua origem como *trip*) e ao mesmo tempo é ela mesma a resultante desse processo, isto é, a representação psíquica da necessidade, da vontade, dos impulsos, dos desejos, etc. (devido à sua origem como *trift*). Obs. 3: Coerente com a polissemia alemã de *Trieb*, Freud emprega o termo para referir-se aos diferentes momentos desse arco de sentidos: portanto, utiliza a palavra *Trieb*, por exemplo, para designar um “estímulo pulsional”, também designa a “fome” (uma sensação) de *Trieb*, bem como usa *Trieb* para referir-se a um “impulso” ou a uma “intenção” agressiva, à “libido”, ao “sentimento de amor” e à “vontade”, entre outros tantos termos que Freud alterna com a palavra *Trieb* (ver o conceito de “trama enfática”, ESPI, vol. I, apresentação, p. 17-23). Obs. 4: Embora, com frequência, Freud empregue o termo também na esfera representacional, isto é, a pulsão como manifestação psíquica (por vezes designada de “representação”, de “idéia”, de “desejo”, ou só de “pulsão”, como, por exemplo, em vários trechos de “Pulsões e Destinos da Pulsão” (1915) [ESPI, vol. I], ele sempre enfatiza tanto a natureza somática das pulsões — “as fontes da excitação de origem interna, principais e mais abundantes, são constituídas pelas chamadas pulsões do organismo” — como, ao mesmo tempo, mantém o uso comum em alemão de “pulsão” na acepção de “vontade” [*Wille*] e “desejo”, complementando que elas são — “as representantes [*Repräsentanten*] de todas as ações das forças que brotam no interior do corpo e que são transmitidas para o aparelho psíquico”. Nota-se, portanto, o emprego do termo como o arco que, partindo do princípio que regula a vida e morte, engloba do brotar somático ao representar psíquico, sendo que cada momento desse arco é ora designado genericamente de “pulsão” ou discriminado como “fonte”, “estímulo”, “representante”, etc. Sobre *Trieb*, ver ESPI, vol. I, “Comentários da Edição Brasileira”, pp. 137-44 e DCAF.

119

■ 4 *Além do Princípio de Prazer* [capítulo] I [(1920g), ESPI, vol. I, pp. 136-37].

■ 5 *Além do Princípio de Prazer*, ESPI, vol. I, p. 176. Anteriormente, Freud utilizara o termo “princípio de constância” para o mesmo princípio. Uma abordagem minuciosa da história desses conceitos, tais como Freud os utilizava, e de sua relação com o princípio de prazer, encontra-se em duas notas editoriais de “Pulsões e Destinos” (1915c), ESPI, vol. I, p. 164, nota 10, e p. 165, nota 18.

■ 6 *Reiz*, “estímulo”; Conot.: no uso coloquial de *Reiz* está implícita uma relação de intensidades e qualidades, que dotam o termo, ou do sentido de “estímulo irritante” ou, eventualmente, do sentido de “estímulo instigante/provocante”. Na verdade, dependendo da quantidade e do ritmo, pode referir-se à leve comichão que desperta o apetite, atrai e encanta (quando *Reiz* pode ter a acepção de “encanto”; algo provocante, instigante), ou pode referir-se ao excesso de estimulação, algo dolorido e irritativo (provocativo, espicaçante). Obs. 2: Nesse contexto, Freud expressa que, apesar do potencial caráter inerentemente irritante e agressivo que *Reiz* tem no idioma alemão, existem situações em que quantidade e qualidade não se correlacionam de modo inverso e direto; ver DCAF.

■ 7 Esta possibilidade já havia sido levantada em *Além do Princípio de Prazer* (1920g), ESPI, vol. II, pp. 135-36 e p. 181.

■ 8 Cf. “Formulações sobre os Dois Princípios do Acontecer Psíquico” (1911b), ESPI, vol. I, p. 66.

■ 9 *Abfuhr*, “escoamento”; Alt.: “descarga”, “remoção” ou “retirada”; Conot.: embora a tradução consolidada em português seja “descarga”, esta enfatiza a idéia de um movimento abrupto de “rajada” ou “disparo”, geralmente ausente do termo freudiano que evoca algo como “conduzir”, “remover”, “reencaminhar para fora”, descrevendo um movimento processual. Obs. 1: Devido à diferença de conotação, preferiu-se empregar, geralmente, termos como “escoamento” e “remoção”. Obs. 2: Freud, em geral, distingue dois tipos de “descarga” *Abfuhr*: uma obtida pela ação muscular e controlada pelo consciente e outra como afloramento descontrolado do excesso de “carga de investimento”, que formou uma estase (acúmulo) e irrompe na percepção consciente. Principalmente nesse segundo caso, trata-se geralmente de uma descarga abrupta, provocando reações motoras e somáticas, bem como ataques de medo [*Angst*]. Obs. 3: Freud, em geral, também contrapõe a remoção interna (*innere Abfuhr*), ligada ao pensamento, à remoção externa (*äussere Abfuhr*), que é motora. Nesse trecho, o empenho do aparelho psíquico é de regular o escoamento. Obs. 4: Outros termos empregados por Freud como equivalentes a *Abfuhr* são: *entladen*, “descarregar” na acepção de “esvaziar”; *Ableitung*, “escoamento”; *Dränierung*, “drenagem”, ressaltando que há também um importante aspecto processual e gradual da *Abfuhr* na metapsicologia; ver DCAF.

SE.4

SE.5

T.6

SE.7

SE.8

T.9

- E.10** ■ 10 Freud retomou esta discussão no Capítulo VIII de seu estudo *Esboço de Psicandlise* (1940a [1938]).
- E.11** ■ 11 *Schmerzlust*, termo composto por *Schmerz* (dor) e *Lust* (prazer). Obs.: Trata-se de um duplo prazer (excitação) derivado da dor, isto é, de uma excitação concomitante a qualquer processo intenso de acúmulo de estímulos, bem como de o alívio prazeroso que acompanha os ciclos de diminuição de dor. Já desde os *Três Ensaio*s, Freud enfatiza que tanto haveria um transbordamento excitatório, que arregimentaria solidariamente centros de dor e prazer interligados, quanto também haveria ao nível do prazer de órgão contínuas pequenas descargas das pulsões parciais que sustentariam o prazer de excitação do órgão.
- E.12** ■ 12 Vide trecho VI de "Uma Criança é Espancada" (1919e), *Studienausgabe*, vol. 7, p. 247 e segs.
- E.13** ■ 13 *Verarbeitung*, elaboração; Alt.: "processamento"; Sign.: "transformação", "digestão", "absorção". Obs. 1: Trata-se de um termo de suma importância para o processo de alteração e transformação do material psíquico, pois permite a remoção, a drenagem ou a dissolução da grande quantidade de energia que forma uma estase e torna a representação intolerável. Portanto, para assenhorar-se de uma vivência, é preciso processar (quebrar, recombinar, realocar) seus conteúdos representacionais, suas conexões e significações, de modo a que a carga de investimento nela depositada possa ser redistribuída, dissolvendo a estase; ver DCAF.
- E.14** ■ 14 *Três Tratados* (1905d), *Studienausgabe*, vol. 5, pp. 109-10.
- E.15** ■ 15 Ibid., p. 109.
- E.16** ■ 16 Ocasionalmente, Freud designa *Trieb* (pulsão) de *Wille* (vontade). Ver nota 3 sobre pulsão e ESPI, vol. I, pp. 137-44, "Comentários do Editor Brasileiro".
- E.17** ■ 17 *gebunden*, "fixada", do verbo *binden*; Alt.: "ligada", "enlaçada" "atada", "aprisionada", "presa"; Sign.: "enlaçar", "amarrar", "prender", "atar". Obs. 1: O termo é geralmente traduzido na literatura psicanalítica brasileira por "ligado", mas é importante lembrar que não tem a acepção de "interligado", "vinculado", ou "interconectado" e não se trata de "vínculo", na acepção de "relacionamento afetivo", nem de "conexão lógica" e tampouco "energia acesa, ativada". Obs. 2: A energia pulsional, ou carga de investimento, pode se enlaçar a uma função ou a uma imagem (representação); Freud emprega o termo em diversos contextos: para descrever aglomerados em que a energia pulsional está enlaçada ou "grudada" à finalidade pulsional, ao afeto e à imagem (representação). Esses aglomerados "enlaçados" formam uma unidade, por meio dessa amarração, adquirem um sentido psíquico, bem como podem formar cadeias ou redes associativas, nas quais os elementos estão *gebunden* (amarrados entre si) e dotam as experiências, antes difusas, de sentido mais complexo. *Binden* também está envolvido no importante "processo de fixação", o qual ocorre por meio da repetição de experiências e do

aumento de intensidade — aqui, no texto, trata-se de energia da pulsão de morte que agora não flui livre, mas é "aprisionada" a um complexo de representações ocupadas por cargas de energia da pulsão de vida, formando aglomerados que conseguem reter e regular o fluxo da destrutividade; ver DCAF.

■ 18 A esse respeito, cf. Capítulo IV de *O Eu e o Id* (1923b), acima, p. 50 e segs. Cf. uma outra apresentação no Capítulo VI de *Além do Princípio de Prazer* (1920g), ESPI, vol. II, p. 171.

■ 19 Freud utiliza novamente o termo "*Bändigung*", domesticação, especificamente no terceiro parágrafo [*Abschnitt*] de seu trabalho tardio "A Análise Terminável e Interminável" (1937e), *Studienausgabe*, vol. complementar, p. 365 e segs. Já muito antes, no último terço da Parte III do "Esboço" de 1895 (1950a), ele tinha aplicado essa idéia a uma "domação" das lembranças.

■ 20 *Entmischung*, "defusão"; Alt.: "desamalgamento", literalmente "des-misturação". Obs.: Diferente da simples *Entbindung*, "liberação", "desligamento", que é um processo de desatar, liberar a energia que estava "fixada", "aprisionada", "ligada". Nesse caso, trata-se de liberar algo que estava misturado, portanto, implica separar algo anteriormente fusionado ou amalgamado.

■ 21 Freud utilizou freqüentemente a imagem das "roupagens psíquicas", ver o caso "Dora" (1905e), *Studienausgabe*, vol. 6, p. 152, p. 153 e p. 166, nota 3.

■ 22 Vide "A Organização Genital Infantil" (1923e [*Studienausgabe*, vol. 5, p. 239]). Para uma abordagem do uso que Freud faz do termo "renegar" [*Verleugnen*], vide o "Comentário Editorial" do "Fetichismo" (1927e), neste volume, p. 162.

■ 23 Cf. uma referência a isso no fim do capítulo [4] do segundo dos *Três Ensaio*s (1905d), *Studienausgabe*, vol. 5, p. 99.

■ 24 Em um parágrafo acrescentado à *Interpretação dos Sonhos* (1900a) em 1909, Freud fala de "masoquistas ideais" para caracterizar pessoas que "procuram o prazer não na dor física que lhes é imputada, mas na humilhação e no flagelo psíquico". (*Studienausgabe*, vol. 2, p. 174).

■ 25 *Selbst*, termo que não é técnico ou conceitual como ocorre com o "self" do inglês. Em alemão, enfeixa o sentido de "Si", "Si mesmo" e "mesmo". Freud o emprega de modo coloquial e corriqueiro, referindo-se àquilo que "nós mesmos somos", quase sinônimo de Eu, sem o sentido de instância psíquica.

■ 26 *O Eu e o Id* [(1923b), capítulo V, neste volume, pp. 57-58.

■ 27 *Regung*, vertente; Alt.: "moções", "impulsos"; Sign.: brotamento, movimento inicial de irrupção. Em geral, o termo, em Freud, subentende *Triebregung*, isto é, refere-se ou a uma iniciativa, um nascedouro de pulsão, ou a uma "pulsão que acaba de brotar". Obs. 1: As moções ou impulsos pulsionais são manifestações da pulsão quando esta surge ainda pouco carregada (ainda não

SE.18

SE.19

T.20

SE.21

SE.22

SE.23

SE.24

T.25

SE.26

T.27

houve uma estase que a tornasse imperativa, tal como a fome). Sua forma equivaleria ao apetite, isto é, a um estado ainda de iniciativa ou comichão. O termo “impulso” não denota aqui algo súbito, ocasional, mas uma corrente inicial e, portanto, pode ainda sofrer um recalque. Obs. 2: Neste caso, refere-se a uma vertente na acepção da pulsão que está sendo vertida (brotando) quase como um jorro de pulsão culposa que é emitido da nascente ou da fonte.

T.28

■ 28 *Befriedigung*, “apaziguamento”; Alt.: “satisfação”; Conot.: “apacamento” ou, mais raramente, um “gozo” na acepção de “alívio”. Só eventualmente pode expressar, tal como em português, uma “satisfação prazerosa”. Obs.: O termo faz contraponto à cadeia de palavras com frequência empregadas em associação com pulsão — “necessidade”, “pressão”, “acúmulo” — e expressa mais a sensação de alívio que acompanha o escoamento da tensão resultante de uma pulsão acumulada do que a sensação de satisfação prazerosa; ver DCAF.

SE.29

■ 29 Sensações não podem efetivamente ser caracterizadas como “inconscientes”. Vide Capítulo II de *O Eu e o Id*, neste volume, p. 36.

T.30

■ 30 *Über-Ich*, Supra-Eu; Alt.: “Super-Ego”, “Super-Eu”; ver “Comentários do Editor Brasileiro”, neste volume, pp. 23-25.

T.31

■ 31 *Ich*, Eu; Alt.: Ego; ver “Comentários do Editor Brasileiro”, neste volume, pp. 23-25.

SE.32

■ 32 Ibid., pp. 46-47.

SE.33

■ 33 Cf. “Neurose e Psicose” (1924b), neste volume, p. 97.

SE.34

■ 34 *O Eu e o Id* (1923b), neste volume, pp. 61-62.

SE.35

■ 35 Cf. ibid., p. 45 e pp. 56-57.

SE.36

■ 36 *Totem e Tabu* (1912-13), *Studienausgabe*, vol. 9, capítulo IV.

T.37

■ 37 *Sittlichkeit*, o “conjunto dos costumes morais”; Alt.: “moralidade”, “senso moral”, “consciência moral”. Obs.: O termo *Sitte* se refere mais a “costumes”, “hábitos”, na acepção de “regras sociais de comportamento vigentes e tradicionais”, do que à ética. O termo enfatiza mais a “moral vigente” que o senso moral no seu aspecto ético. O advérbio *sittlich* tem a acepção de “de acordo com as regras morais” ou “de acordo com os costumes”.

SE.38

■ 38 [O termo “Imago” não é utilizado com frequência por Freud, mormente em seus escritos tardios. Ele aparece a primeira vez, provavelmente, em seu trabalho técnico-terapêutico “Sobre a Dinâmica da Transferência” (1912b), *Studienausgabe*, volume complementar, p. 160, lá sendo atribuído a Jung (1911, 164). Na passagem referida, Jung comunica ter retirado o termo, possivelmente, do título do romance homônimo do escritor suíço Carl Spitteler. Sabemos por Hanns Sachs

(1945, 63) que a revista psicanalítica *Imago*, fundada por ele e Rank, deve o seu título igualmente à essa fonte.]

■ 39 Ed. Douwes Dekker (1820-1887). Por muito tempo, Multatuli foi um dos escritores favoritos de Freud. Suas obras e cartas encabeçam os “dez bons livros” que Freud citou em uma lista; vide Freud (1906f).

■ 40 A palavra *Ἀνάγκη* encontra-se já no trabalho de Freud sobre Leonardo (1910c), *Studienausgabe*, vol. 10, p. 147. *Λόγος*, por seu turno, parece surgir aqui pela primeira vez. Ambos, mas em especial *Λόγος*, são abordados no parágrafo final de *O Futuro de uma Ilusão* (1927c), *Studienausgabe*, vol. 9, p. 186 e segs.

■ 41 *übertragen*, “atribuir”; Alt.: “transferir”. Obs.: Trata-se do mesmo verbo utilizado para designar o fenômeno da “transferência”, mas neste caso, embora o uso seja coloquial, tem a acepção de transpor ou aplicar algo de um contexto em outro. Cabe observar que se trata em essência do mesmo fenômeno, que inserido na relação analista-paciente adquirirá particularidades próprias ao contexto analítico.

■ 42 Cf. Em *O Eu e o Id* (1923b), neste volume, p. 65.

■ 43 Em *O Eu e o Id* (1923b), neste volume, pp. 57-58 e segs.

■ 44 *Triebunterdrückung*, repressão da pulsão; termo composto por *Trieb* e *Unterdrückung*. Sobre *Trieb*, nota 3, acima; quanto à *Unterdrückung*, “repressão”; Alt.: “supressão”; Conot.: “reprimir”, “sufocar”. Obs. 1: Frequentemente adotam-se, em português, os termos “supressão” para designar a *Unterdrückung* e “recalque” ou “repressão” para referir-se a *Verdrängung*. Preferimos reservar para *unterdrücken* o termo “reprimir”, pois há uma correspondência exata entre os dois termos, portanto, não empregamos o termo “supressão”. Obs. 2: No capítulo 7 da *Interpretação dos Sonhos* (1900) [ESB, vol. 5, p. 549, nota 2], Freud diferencia *Unterdrückung* (que aqui designamos de “repressão”) de *Verdrängung* (recalque). O primeiro, referindo-se ao esforço consciente de reprimir um sentimento que já está consciente e é inadmissível e intolerável (algo quase como “controlar-se”), e o segundo, ao processo pré-consciente de impedir o acesso desses sentimentos à consciência (processo do qual o sujeito não tem consciência). Entretanto, em geral, Freud, como também nesse trecho, não diferencia ambos os termos, de modo que aqui, como poucas linhas abaixo, é utilizado como sinônimo de *verdrängen* e gerador do sentimento de culpa, ao contrário da “repressão consciente”, à qual ele alude na *Interpretação dos Sonhos* e que é ela mesma o fruto do sentimento de culpa; ver DCAF.

■ 45 [Cf. *O Eu e o Id* (1923 b), neste volume, p. 61.]

■ 46 As questões levantadas neste parágrafo são mais detalhadas por Freud no capítulo VII de *O Mal-estar na Cultura* (1930a), *Studienausgabe*, vol. 9.

■ 47 *bedeutet*, “representa”; Alt.: “significa”, “tem a importância de”. Obs.: Não se trata de *Vorstellung* (representação como “idéia” ou “imagem mental”),

SE.39

SE.40

T.41

SE.42

SE.43

T.44

SE.45

SE.46

T.47

SE.48

nem de *Vertretung* (representação como “estar no lugar”, “substituir na ausência”), mas de representar no sentido de “ser importante”.

■ 48 Freud ainda abordou o masoquismo uma vez no contexto do tratamento psicanalítico no capítulo VI de seu trabalho “Análise Terminável e Interminável” (1937c), *Studienausgabe*, volume complementar, pp. 382-2.